



## ESTRATEGIAS METAFICCIONAIS EM *EU SOU A PERSONAGEM!*, DE MARIA DA GLÓRIA CARDIA DE CASTRO

Luis Paulo da Silva Dias<sup>1</sup> (IC)\*, Vanessa Gomes Franca<sup>2</sup> (PQ)

<sup>1</sup>UEG – Câmpus Pires do Rio, luispaulo.0641@gmail.com

<sup>2</sup>UEG – Câmpus Pires do Rio, UFG

Em pesquisas recentes, a metaficção tem sido apontada como uma marca da produção literária contemporânea para jovens e crianças (FRANCA, SOUZA, CAMARGO, 2015; FRANCA; SOUZA, CAMARGO, 2016; CAMARGO, FRANCA, FARIA, 2018). A metaficção, em síntese, é a narrativa de ficção que constrói uma crítica sobre si mesma, comentando, expondo e, muitas vezes, desconstruindo seus recursos de composição bem como seu *status* ficcional (HUTCHEON, 1984). *Eu sou a personagem!*, obra de Maria da Glória Cardia de Castro, contando a história de uma personagem que auxilia uma escritora-personagem a escrever um livro, evidencia a presença dessa tendência autorreflexiva, que a configura como narrativa metaficcional. Isto posto, no presente trabalho, tencionamos demonstrar esse fenômeno, estudando as estratégias metaficcionais de *Eu sou a personagem!* A discussão proposta fundamentar-se-á em Coelho (1991); Franca, Souza e Camargo (2015, 2016); HUTCHEON, 1984; Lajolo e Zilberman (2003), Lepaludier (2002); Souza, Franca e Camargo (2017). Este trabalho é resultado parcial do projeto de pesquisa *A presença de narrativas metaficcionais na Literatura Infantil e Juvenil brasileira*, desenvolvido na UEG, Câmpus Pires do Rio, apoiado pela Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação (PrP) e coordenado da professora doutora Vanessa Gomes Franca.

Palavras-chave: Metaficção. Literatura infantil e juvenil. Personagem-escritor.

### Introdução

Ao publicar o livro *Eu sou a personagem!*, Maria da Glória Cardia de Castro inova em sua produção e segue a proposta pós-moderna de subversão narrativa, em que os textos desvelam o fazer literário, por meio de estratégias metaficcionais. Em tal obra, vemos a história de Clara e Frank, que são personagens de livros e que mantêm um relacionamento nos “entrelivros e entrecapítulos”, e da escritora Flora, que escreve a história de tais personagens.

O livro de Castro desvela que os detalhes em uma obra metaficcional não são dispostos a esmo e intima o leitor não apenas a conhecer o processo de criação, mas, também, a participar da complexa atividade de criação, colocando em evidência a condição de artefato da obra literária. A partir do exposto, pretendemos analisar a obra *Eu sou a personagem!*, de Maria da Glória Cardia de Castro, a fim de evidenciar as estratégias metaficcionais presentes em tal livro.

Para o desenvolvimento da nossa pesquisa, adotamos como referencial teórico os estudos realizados por: Coelho (1991); Franca, Souza e Camargo (2015,



2016); Hutcheon, 1984; Lajolo e Zilberman (2003), Lepaludier (2002); Souza, Franca e Camargo (2017). Ressaltamos que este estudo faz parte do projeto de pesquisa *A presença de narrativas metaficcionalis na Literatura Infantil e Juvenil brasileira*, desenvolvido na UEG, Câmpus Pires do Rio, com o apoio da Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação (PrP), sob a coordenação da professora doutora Vanessa Gomes Franca.

## Material e Métodos

Este projeto, que se enquadra na área dos Estudos literários, constitui-se em uma pesquisa de caráter bibliográfico e teórico. Assim, para desenvolvê-la, fizemos, inicialmente, o levantamento e a leitura de textos que abordam a metaficção. Tal levantamento subsidiou a pesquisa no que tange aos aspectos teóricos e críticos. Posteriormente, analisamos a obra *Eu sou a personagem!*, de Maria da Glória Cardia de Castro, evidenciando os recursos metaficcionalis presentes no livro citado. Após as leituras e análises, redigiremos o relatório final de pesquisa e apresentaremos os resultados parciais e finais do estudo em eventos.

## Resultados e Discussão

As primeiras obras que compõem a Literatura Infantil e Juvenil brasileira começam a ser publicadas no século XIX. Tais obras são aquelas traduzidas, adaptadas ou que possuíam cunho didático-moralizante. Além disso, as publicações são tímidas e, por esse motivo, “[...] insuficientes para caracterizar uma produção literária brasileira regular para a infância” (LAJOLO; ZILBERMAN, 2003, p. 23). Nesse período são publicados, por exemplo,



a tradução de *As aventuras pasmosas do Barão de Munkausen* e, em 1818, a coletânea de José Saturnino da Costa Pereira, *Leitura para meninos, contendo uma coleção de histórias morais relativas aos defeitos ordinários às idades tenras, e um diálogo sobre geografia, cronologia, história de Portugal e história natural*” (LAJOLO; ZILBERMAN, 2003, p. 23).

De acordo com Vanessa Gomes Franca, Edilson Alves de Souza e Flávio Pereira Camargo (2015, p. 368), “Monteiro Lobato, ao publicar, em 1920, o livro *A Menina do Narizinho Arrebitado*, mudará os rumos histórico e estético da literatura infantil e juvenil brasileira”. Com a publicação dessa primeira obra e de outras que seguirão, Lobato faz com que a turma do Sítio do Picapau Amarelo (Dona Benta, Narizinho, Emília, Pedrinho, Visconde de Sabugosa, Tia Nastácia, Saci, por exemplo) povoe a imaginação dos leitores.

Monteiro Lobato cria uma literatura infantil e juvenil com personagens brasileiros, cenário brasileiro, traduzindo a realidade da criança do Brasil. Por causa de sua inovação, os leitores se identificavam “com as situações narradas; sentiam-se à vontade dentro de uma situação familiar e afetiva, que era subitamente penetrada pelo maravilhoso ou pelo mágico, com a mais absoluta naturalidade” (COELHO, 1991, p. 227).

As obras lobateanas são publicadas entre as décadas de 1920 e 1940. Posteriormente a isso, após a morte do autor, vê-se um aumento no número de livros editados para crianças e jovens. No entanto, não há publicações que tenham tanta proeminência como aquelas produzidas por Monteiro Lobato. Tal situação começará a mudar a partir de 1960, com a “criação de programas direcionados ao estímulo da leitura, bem como ao debate a respeito da publicação de obras destinadas aos públicos infantil e juvenil” (FRANCA; SOUZA; CAMARGO, 2016, p. 81), dando novos impulsos à Literatura Infantil e Juvenil brasileira.

Os novos impulsos, conquistados a partir de 1960, contribuem para o “surto de criatividade” e o *boom* da Literatura escrita para crianças e jovens, ocorridos em 1970 e 1980, respectivamente. Em tais períodos, há um aumento da vendagem de livros e da discussão a respeito de textos voltados aos públicos infantil e juvenil. Ademais, em vista das características estéticas pós-modernas de escrita, as novas obras se caracterizam, muitas vezes, pela autorreferência “[...] quer



incluindo procedimentos metalinguísticos, quer recorrendo à intertextualidade, ou seja: às vezes o texto tematiza seu próprio processo de escrita e produção, às vezes faz referência a outras obras, instaurando uma espécie de diálogo entre textos” (LAJOLO, ZILBERMAN, 2003, p. 153).

Ao tematizarem seu processo de escrita e produção, as novas obras podem ser consideradas metaficcionais, ou seja,

[...] “ficção sobre ficção”, ou ficção que torna seu próprio status epistemológico e ontológico como ficção manifestamente evidente e, possivelmente, matéria da própria ficção. Efetivamente, metaficção é uma espécie de ficção em que o processo de construção ficcional é desenvolvido por meio de técnicas autorreflexivas (MÜLLER, 2017, grifo do autor, tradução nossa).<sup>1</sup>

De acordo com Souza, Franca e Camargo (2017, p. 52), nas obras metaficcionais, o autor mimetiza as inquietações que lhe ocorrem no processo de escritura do texto diante da estruturação do enredo, da caracterização dos personagens, dos cenários, do ambiente e do tempo. Essas questões que evidenciam o processo de escrita criativa, geralmente, estão presente na voz do narrador, dos personagens e, frequentemente, de um personagem-escritor, como ocorre na obra *Eu sou a personagem!* (Fig. 1), de Maria da Glória Cardia de Castro, editada em 1999.

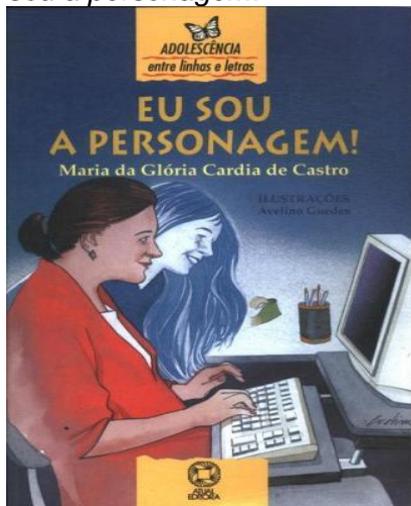
A autora, que publicou sua primeira obra em 1983 (*Cadê meu Papai?*), faleceu em 2012, tendo lançado mais de dez livros. Em diversos de seus textos, Castro discute temas que fazem parte do universo infantil e juvenil, tais como: rejeição materna (*Quem roubou minha infância?*), gravidez (*Menina mãe* (Fig.2); *E agora, mãe?*; *E agora, filha?*), drogas (*Em carne viva* (Fig. 3)).

---

<sup>1</sup> Lê-se no original: [...]“fiction about fiction”, or fiction which makes its own epistemological and ontological status as fiction manifestly apparent, and possibly a subject of the fiction itself. Practically then, metafiction is a mode of fiction in which the process of fictional construction is directly rendered by means of self-reflexive techniques.



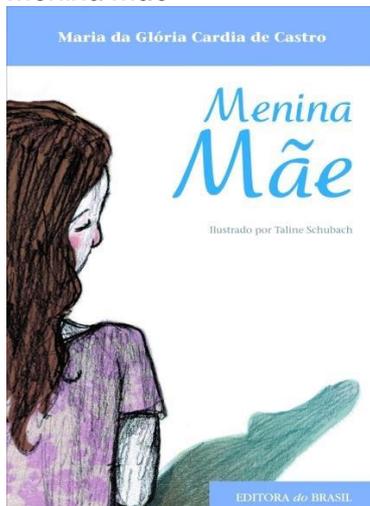
Figura 1 – Capa do livro *Eu sou a personagem!*



Fonte:

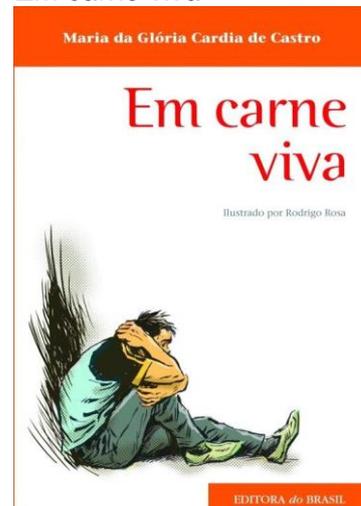
<https://www.saraiva.com.br/eu-sou-a-personagem-426693.html>

Figura 2 – Capa do livro *Menina Mãe*



Fonte: <http://www.pluricom.com.br/clientes/editora-do-brasil-1/2013/07/literatura-juvenil-discute-complexos-temas-da-gravidez-e-drogas-na-adolescencia>

Figura 3 – Capa do livro *Em carne viva*



Ao publicar o livro *Eu sou a personagem!*, Maria da Glória Cardia de Castro inova em sua produção e segue a proposta pós-moderna de subversão narrativa, em que os textos desvelam o fazer literário. Em tal obra, vemos a história de Clara e Frank, que são personagens de livros e que mantêm um relacionamento nos “entrelivros e entrecapítulos”, e da escritora Flora, que escreve a história de tais personagens. No entanto, inicialmente, Flora não tem ideia sobre o que escrever. Ela convoca as personagens, mas não sabe qual a história que irá narrar. Ao perceberem a situação em que se encontra a autora, Frank a indaga:

- A senhora poderia, por gentileza, dar-nos uma pequena idéia do enredo? – perguntou Frank, subserviente demais para o meu gosto.
- E também do que vamos fazer no seu livro, do cenário e da duração da história – completei firme.
- Hummm... Falaremos disso depois. No momento apenas escolho as personagens. Só mais tarde pensarei na história... – Deixou escapar essa última frase, tento apagá-la, mas era tarde demais. Frank e eu nos entreolhamos inseguros e ele quis saber, agora enérgico:



– Afinal! A senhora não tem nenhum projeto, nenhuma sinopse ou plano da história que irá escrever? – Adeus, subserviência. Este é o Frank que conheço!

– Não! – respondeu ela, aparentemente segura. – Está não será a primeira vez que começarei um livro sem ter a menor idéia do que vai sair! (CASTRO, 1999, p. 6)

Apesar de aparentar segurança, em outros momentos da história, Flora demonstra sua preocupação em não conseguir escrever. O livro de Castro evidencia, assim, as angústias e a falta de inspiração da autora para começar uma nova obra: “Bem, ali está ela, cheia de angústia diante da tela vazia do computador. Mergulhada em si mesma, tentando arrancar das entranhas uma inspiração qualquer que lhe permita compor um enredo” (CASTRO, 1999, p. 17).

De acordo com o crítico francês Laurent Lepaludier (2002, p. 31, grifos do autor), “[u]m **personagem** ou um **narrador** pode ser considerado como figura do escritor e provocar uma reflexão sobre a escrita, sua produção, sua estética ou o estatuto do escritor”<sup>2</sup>. Destarte, Flora, a personagem-escritora, leva o leitor a pensar a respeito do trabalho de escrita de uma obra.

Clara fica aflita com a falta de inspiração da escritora, pois tem medo de se separar de Frank ou de ser trocada por outra personagem: “Frank e eu decidimos ficar de olho naquela escritora, pois, já que não tinha a menor ideia do que iria escrever, ela poderia de repente decidir trocar-nos por outras personagens” (CASTRO, 1999, p. 7). Por causa disso, decide ajudar Flora e aparece, sem ser chamada, na casa da autora:

– O que está fazendo aqui, Clara!? Eu ainda não a chamei!!!

O choque da escritora foi tão grande que me descompus.

– Desculpe, senhora! Peço mil desculpas! É que percebi que a senhora estava em dificuldades... Pensei que talvez, quem sabe, pudesse ajudá-la... [...]

– Por que não! – disse, sempre sorrindo. – Penso que não será a primeira vez que uma personagem ajudará um escritor (p. 18-19).

---

<sup>2</sup> *Un personnage ou un narrateur peut être considéré comme figure de l'écrivain et provoquer une réflexion sur l'écriture, sa production, son esthétique ou le statut de l'écrivain.*



No capítulo “Como é lindo este lado do livro!”, Flora e Clara conversam a respeito das personagens da história que a autora está escrevendo. O diálogo entre elas, entre personagem e a escritora, desvela o processo de criação ficcional:

E Maciel? – Mostrava-me agora um rapaz, esse totalmente de costas, confabulando com Gina.  
Quem é ele? – eu quis saber, antes de opinar.  
– É o noivo de Renata.  
– E quem é Renata? Não a vi ainda em seu livro...  
– Maciel e Renata formam o casal principal da história – explicou-me (CASTRO, 1999, p. 55).

Como evidenciamos, a obra de Maria da Glória Cardia de Castro, então, “[...] utilizando os recursos metaficcionais, expõe o processo de criação literária, por meio das discussões entre o personagem-escritor e as personagens de suas histórias” (FRANCA; SOUZA; CAMARGO, 2016, p. 111). Isso rompe o quadro da ilusão referencial, fazendo com que o leitor reflita sobre o que está lendo e participe mais ativamente da construção história.

## Considerações Finais

O livro de Castro desvela que os detalhes em uma obra metaficcional não são dispostos a esmo e intima o leitor não apenas a **conhecer** o processo de criação, mas, também, a **participar** da complexa atividade de criação, colocando em evidência a condição de artefato da obra literária.

A partir do exposto, intentamos evidenciar as estratégias metaficcionais presentes na obra *Eu sou a personagem!*, de Maria da Glória Cardia de Castro. Nosso trabalho contribui para a área de Estudos literários, tendo em vista que são poucos os estudos críticos encontrados que enfocam a metaficção na Literatura Infantil e Juvenil brasileira.



## Referências

CASTRO, Maria da Glória Cardia de. **Eu sou a personagem!** São Paulo: Atual, 1999.

COELHO, Nelly Novaes. **Panorama histórico da literatura infantil/juvenil:** das origens indo-europeias ao Brasil contemporâneo. 4. ed. São Paulo: Ática, 1991.

FRANCA, Vanessa Gomes; SOUZA, Edilson Alves de; CAMARGO, Flávio Pereira. A mimesis do processo e a mimesis do produto em *O problema do Clóvis*, de Eva Furnari, e *Um homem no sótão*, de Ricardo Azevedo. **Via Litterae**, Anápolis, v. 7, n. 2, p. 367-390, jul./dez. 2015. Disponível em: <<http://www.revista.ueg.br/index.php/vialitterae/article/viewFile/4801/3182>>.

FRANCA, Vanessa Gomes; SOUZA, Edilson Alves de; CAMARGO, Flávio Pereira. **A presença de narrativas metaficcionalis na literatura infantil e juvenil brasileira: um estudo das obras *O problema do Clóvis*, de Eva Furnari, e *Um homem no sótão*, de Ricardo Azevedo.** In: CAMARGO, Flávio Pereira; CARDOSO, João Batista. *Narrativa brasileira contemporânea: ensaios críticos*. São Paulo: Fonte Editorial, 2016. p. 81-115.

HUTCHEON, Linda. **The narcissistic narrative:** the metafictional paradox. London/New York: Methuen, 1984.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil brasileira:** história & histórias. São Paulo: Ática, 2003.

LEPALUDIER, Laurent. Fonctionnement de la métatextualité: procédés métatextuels et processus cognitifs. In: *MÉTATEXTUALITÉ ET MÉTAFICTION*. Théorie et analyses. Rennes: Presses Universitaires de Rennes, 2002, p. 25-38.

MÜLLER, Kurt. Historiographic metafiction (USA). In: THE LITERARY ENCYCLOPEDIA. Disponível em: <<http://www.litencyc.com/php/stopics.php?rec=true&UID=1512>>. Acesso em: 23 fev. 2017.

SOUZA, Edilson Alves de; FRANCA, Vanessa Gomes; CAMARGO, Flávio Pereira. O palimpsesto metaficcional em *O personagem encajado*, de Angela Lago. In: CAMARGO, Flávio Pereira; CRUVINEL, Larissa Warzocha Fernandes; RIBEIRO, Renata Rocha. **Literatura brasileira contemporânea:** leituras diversas. Curitiba: Appris, 2017. p. 33-50.